

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 12

Data: 04.09.80

Pg.: 2

O irresponsável privilégio indígena

O novo massacre desta semana, no Pará, em que os índios caia-pós mataram 17 pessoas, entre elas três crianças, põe em dúvida a atual política indigenista e exige que se reflita com isenção e sem preconceitos sobre a situação dos silvícolas e suas relações com a sociedade. Não se trata de um caso isolado, mas da repetição — em outro ângulo — da chacina de três semanas atrás no Xingu, quando os txucarramães mataram onze trabalhadores rurais.

Não defendemos a tese obscurantista, comum após a guerra de secessão norte-americana, no século passado, de que "o bom índio é o índio morto". Mas é impossível permanecermos impassíveis ante os acontecimentos, interpretando os fatos como se nada tivesse acontecido, unicamente porque as leis equiparam os indígenas aos menores e aos incapazes que não respondem pelos seus atos. Em qualquer comunidade, inclusive na que vive isolada na selva, a morte é uma

agressão punitiva. E como tal, sujeita pelo menos à contenção, quando não à correção, para que não se repita numa espiral infinita.

É possível, até, que a agressividade indígena de agora decorra do longo, desordenado e atrabiliário contato com a sociedade "branca", em que a cobiça dos "civilizados" foi responsável, no passado, por injustiças brutais ou, mesmo, crimes concretos. Mas recordar os erros praticados, ontem por uma minoria, para justificar, hoje, os erros de grupos inteiros de algumas comunidades indígenas, é apostar no absurdo. Afora alguns grupos tribais que vivem isolados, grande parte dos indígenas desfruta de uma situação de autênticos privilégios. Possuem reservas intocáveis, onde eles próprios constituem a única autoridade e são tutelados pelo Estado que os fez titulares desses mesmos privilégios.

Contraditoriamente, são privilegiados e miseravelmente pobres e

abandonados. A sociedade "branca" ou o Estado não lhes pode ensinar métodos novos de caça ou cultivo, porque isto seria "ferir" — dentro da falsa visão antropológica e política dominante entre nós — as raízes da cultura indígena. Mas esta proteção paternalista, que faz do indígena um não-responsável perante a lei, não impede que a ele cheguem alguns dos vícios ou deformações da sociedade "branca", desde a cachaça ou a cerveja até a agressão física ou a visão da vingança organizada. Chega-se, assim, ao absurdo de que grupos indígenas, em parte aculturados, usem bicicleta, rádios ou gravadores a pilha e continuem caçando com o primitivo método de acuar a caça com fogo numa atividade predatória que incendeia bosques e florestas.

Entré eles, o privilégio que a política indigenista lhes confere convive com o atraso milenar, sempre que se trata da atividade econômica da subsistência. O paternalis-

mo do Estado faz com que eles assimilem dos civilizados quase todos os defeitos, nenhuma das virtudes. Aqueles, porém, são intocáveis! Quando, há pouco mais de três semanas, os txucarramães mataram, com golpes de borduna, onze peões, alguns depoimentos apontaram um balheiro "branco" do Xingu como o responsável pela incitação à violência. Em seguida, no entanto, a Funai concluía que o massacre fora "acidental".

Agora, tudo se repete em condições ainda mais trágicas. A nova chacina ocorreu numa fazenda, próxima à área indígena, mas fora dela, sem que as vítimas — colonos aí assentados, há tempos — tenham dado nenhum pretexto para a agressão. O que gerou tudo isto? Que tudo seja dito sem rodeios, sem paternalismos e sem a matreirice comum a tantos políticos que, sem nunca terem convivido com os indígenas, demagogicamente se apresentam como seus defensores.